

LIVROS

'Gosto de usar os deslimes das palavras'

Ana Cristina Pereira

Dois anos depois do Livro sobre nada, Manoel de Barros manda notícias lá do Pantanal. Aos 81 anos, o escritor publica Retrato do artista quando coisa (Record, 15^o livro, no qual dá continuidade a seu projeto poético de poesia-invenção: trabalha e retrabalha a maneira de dizer coisas, tentando "comprender o sentido das palavras" e tem de encontrar-lhes o "lugar").

Neste exercício incessante, Manoel de Barros oferece ao leitor mais um livro encantador, que pode ser lido e sucessivas leituras em busca de suas múltiplas faces. "Sou capaz de botar imagens em lugar de nomes. Gosto de usar os deslimes das palavras", afirma o escritor. Divido em duas partes - a primeira com o título do livro e a segunda batizada de *Diagnóstico do oníbio* - o novo livro de Manoel de Barros fala, antes de mais nada, sobre a necessidade da pessoa se deslocar de si mesma, tornando-se "coisa" para tentar ultrapassar o sentir e se aproximar da essência do ser.

Por isso mesmo, ele novamente insiste na ideia de olharmos para as coisas mais simples, para o chão. Esta tendência, afirma, é fruto das mesmas (única) coisas que movem homens deste século como Charles Chaplin ou Graciliano Ramos, aos quais ele se filia. "Estes seres cultivados não pelo abandono me enriquecem", diz Manoel de Barros, que volta a falar neste livro de Bernardo - senhor de 81 anos, que mora em Campo Grande e quase não se comunica verbalmente - espécie de alter-ego de carne e osso, que tem entre seus objetos coisas como "um carvão de papel" e um "Gundaste para moscas".

Homem de pouca conversa (falado, Manoel de Barros, que confessa ser portador de um "defeito congênito" para embates em público, evita a todo custo lançamentos, palestras ou mesmo contatos telefônicos. Bate-papos, só pessoalmente, com o interesse de deslocando até Campo Grande, cidade onde reside e a partir da qual enriquece o mundo.

O poeta não se recusa, no entanto, a responder perguntas na sua velha linguagem de escrever e encaminhar vai, como fez nesta entrevista para o Folha. No reino da palavra escrita, senhor absoluto, o escritor fala poeticamente do novo trabalho, usando imagens certeiras, sempre se referindo ao universo pantaneiro, como ao dizer que acha de orgulho "fêto sapo brabo", quando é comparado a Guimarães Rosa. Confira:

FOLHA - Ao contrário do sentido habitual de coificação - visto como uma característica ruim para pessoas -, em seu novo livro, torna-se quase sinônimo de libertação. Gostaria que o senhor falasse um pouco mais sobre a necessidade ou a grandeza de ser pedra, tal, árvore...

MANOEL DE BARROS - Tenho o apetite de estar entre aqueles que precisam fugir do que são. Preciso ir para árvore, para água, para pedras. Ou para qualquer ente, ser o objeto que me acente de sê-lo. Sou adepto de voar como os pássaros ou de escorregar como os rios. Mas essa não seria uma alitude tão vital quanto ler. Penso que seja uma expressão bem literária essa de pedra ser, de coisa ser. As palavras são livres. Tenho muito apreço por troços. Penso que fugir para ser árvore poderia ser lugar para alguma coisa que não tenho solidão. É que fugir para ser pedra pode ser fugir para alguma coisa que não tenha aflições. Dizer que pedra liberta é uma peraltagem com palavras. Tenho em verdade um prazer associativo bem acentuado. Me associo verbalmente às coisas. Sou capaz de botar imagens em lugar de nomes. Gosto de usar os deslimes das palavras. Faço isso com o maior

descomportamento lingüístico. Gosto das metáforas como os índios gostam dos cheiros de suas fêmeas. Muitas palavras são eróticas. Acho que os troços fazem a mais fácil fuga do mesmo. É o que me importa muito é fugir do mesmo.

F - Ser é mais importante que sentir? Por quê?

MB - Ser é essência e transcendência. Enquanto que sentir a gente sente com o corpo. Sentir é que dá concretude ao poema. Com os sentidos posto concretizar ali os fenômenos da natureza. Verbi gratia: "Os arrebóis latejam". Humaniza os arrebóis a ponto que ali eles latejam. Rimboud falava que se pode atingir a melhor poesia com o mais puro desregramento dos sentidos. Gosto de desregramar os sentidos. No exemplo de cima, com o sentido de ver pode experimentar na carne do arreból, o latejo.

F - Em vários poemas do Retrato do artista quando coisa há reflexões sobre o fazer poético, tocando em dois pontos fundamentais: a necessidade de dirigir o olhar artístico para as coisas simples e o trabalho de encontrar novos sentidos para as palavras. O senhor poderia comentar estes dois pontos?

MB - Dirigir meu olhar para as coisas mais simples não chega a ser uma necessidade. Seria antes uma tendência. Um gosto sem explicação. Talvez seja um fruto de uma semelhança genética. Só dessa maneira posso explicar por que nascem pessoas aliteradas e de outro lado pessoas rateras. Mas eu não atribuo este gosto de olhar para as coisas mais simples ao fator genético. O gosto de olhar para os seres desimportantes pode ter vindo de fatores externos. Sou do século de Charles Chaplin, de Marx, de Dostoiévski, de Gogol, de Graciliano Ramos. Sou século que elegeu o vagabundo de Carlitos como um herói. Que fez de Fabiano de Vidas secas outro herói. Estes seres cultivados pelo abandono me enriquecem. Os heróis deste século, que termina, não foram mais os poderosos, os reis, os senhores, os nobres. São robôzinhos, são pobre-ditos. Então, é claro, que sendo eu deste século, meu olhar de artista haveria de ser para os desimportantes. A outra parte da pergunta fala do gosto meu de fazer casamentos injustos e até anômalos entre as palavras. Creio que esse também é fruto do meu desgosto pelo mesmo.

F - Comente a crítica o compare a João Guimarães Rosa justamente pelo trabalho em torno da linguagem, da palavra. O senhor concorda com as comparações?

MB - Desta comparação até gosto muito. E me acho com ela fêto sapo brabo. Penso que o Rosa é mais poeta do que prosador, pelo gosto que exibia com as palavras. Até acho a linguagem do seu personagem mais importante. Penso que a comparação vem disto. Que o poeta é um ser de linguagem. E o Rosa era um ser de linguagem. Ao tempo mesmo que criava seus personagens ele inventava seu idioma. Ele gostava das ressonâncias laterais. E eu também gosto. Ele gostava de sintaxes de retrabalhos e eu também gosto. Creio que nisso se inclui buscar novos sentidos para as palavras.

F - Li uma entrevista que o senhor se considera um tímido incurável e que sofre em lugares públicos. Diante disto, estão descartadas as viagens para lançamentos de Retrato do artista quando coisa?

MB - Já disse muitas vezes que a minha timidez é escancarada. Que ela me esconde por ser escancarada. Não faço lançamentos nem é porque não gosto, é sim por esse defeito congênito. Já fui a três ou quatro biennais de livros para dar autógrafos. Mas patoleio muito com isso. É ao fim tenho uma espécie de descrença que é uma doença de fraqueza que me prostra.



Manoel de Barros lança "Retrato do artista quando coisa", 15^o livro, no qual aprofunda seu projeto poético amparado no trabalho lingüístico

FRAGMENTOS

6 Aprendo com abelhas do que com aeroplanos.
É um olhar para o ser menor, para o insignificante que eu me criei tendo.
O ser que na sociedade é chutado como uma banana - cresce de importância para o meu olho.

Ainda não entendi porque herdou esse olhar para baixo.
Sempre imagino que venha de ancestralidades michuadas.
Fui criado no mato e aprendi a gostar das coisinhas do chão -
Antes que das coisas celestiais.
Pessoas periferias de abandono me comovem.
tanto quanto as sobrias coisas infimas.

FICHA

- Livro: Retrato do artista quando coisa
- Autor: Manoel de Barros
- Editora: Record
- Gênero: Poesia (82 páginas)
- Preço: R\$14



16 Agora só espero a despalavra: a palavra nescita para o canto - desde os pássaros.
A palavra sem pronúncia, agitada.
Quero o som que ainda não deu lugar.
Quero o som gotante das vozes do cocho.
A palavra que tenha um aroma ainda cego.
Antes do murmúrio.
Que fosse nem um risco de voz.
Que só mostrasse a cegueira dos escuros.
A palavra incapaz de ocupar o lugar de uma imagem.
O antenamento verbal: a despalavra mesmo.



Manoel relançado

Desde a publicação do Livro sobre nada (1996), com o qual Manoel de Barros ganhou o Nestlé de Literatura, a editora Record está relançando a obra do poeta, com projeto gráfico especial preparado por Regina Ferraiz. Os primeiros livros são O livro das ignorâncias (1993), Livro de pré-coisas (1985) e Arranjos para asobio (1980). Outros títulos saem a partir deste mês.

ESTANTE



MANUAL - A editora Futura está lançando dois manuais para ajudar nas relações trabalhistas: 101 segredos para ser um profissional da área de treinamento bem-sucedido (Nancy Stern e Maggi Payment) e 101 segredos para ser um supervisor bem-sucedido (Peter Garber e Mark Loper). Ambos custam R\$15.



ROMANCE - Autora de 13 livros e duas coletâneas na literatura de suspense e terror, a norte-americana Mary Higgins Clark, um dos maiores nomes atuais do gênero, volta a apostar na capacidade de arrearpear leitores. No romance Revelação ao luar (Rocco, R\$28), ela conta a história de uma jovem, que herda uma residência vitoriana, na qual acontecem sucessivas e misteriosas mortes.



CONTOS - Em seu terceiro livro de contos, Todas as luzes do mar (As Letras da Bahia), o escritor baiano Ricardo Cruz reúne 11 histórias, assim divididas pelo contista Hélio Pólvora, que assina a orelha: "Neste seu novo livro ele muda de tom. Em vez da ênfase nos temas políticos e ideológicos, esforça-se para desvendar uma ficção em torno de personagens bem estudados, tantos nas ações quanto nos sentimentos íntimos". Em Salvador, o livro pode ser encontrado nas livrarias Grandes Autores, da Torre e Cultura.



REVISTA - Publicação quadrimestral da Arte Editora Campinas, a revista Olho lábio, especializada em artes plásticas, chega ao número cinco. Os destaques desta edição são a vida e obra dos artistas plásticos Téo Segura e Sérgio Monteiro de Almeida e o acervo do Museu de Arte Contemporânea de Americana. Informações e assinaturas: (019) 2720022.



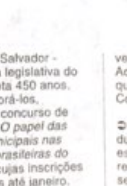
INFANTIL - Uma maneira divertida e educativa de aprender. Esta é a proposta da coleção Disney Estúdio Mágico (Melhoramentos), que a cada três meses colocará 16 novos títulos no mercado. A ideia é, através de pequenas histórias, proporcionar atividades (colorir, percorrer labirintos, caçar palavras, ligar pontos para formar um desenho...) compatíveis com várias faixas etárias. Os primeiros livros são Feliz aniversário Mickey (R\$3,6) e Donald vai passar (R\$1,8).



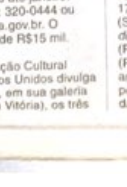
MARCADOR - A jornalista e publicitária baiana Lilia Gramacho estreia na literatura infantil com o livro O filho do meio (Formato, R\$), que conta de forma leve e bem-humorada os dramas de um garoto que tem um irmão mais novo e outro mais velho no seu encalço. As ilustrações inspiradas são do artista gráfico Avelino Guedes. A sessão de autógrafos acontece amanhã, às 17h, na Grandes Autores Shopping Cultural (Ondina).



• No próximo ano, a Câmara Municipal de Salvador - primeira casa legislativa do país - completa 450 anos. Para comemorá-los, promoverá o concurso de monografias O papel das câmaras municipais nas metrópoles brasileiras do século XXI, cujas inscrições estão abertas até janeiro. Informações: 320-0444 ou cms@cms.ba.gov.br. O prêmio será de R\$15 mil.



• A Associação Cultural Brasil-Estados Unidos divulga hoje, às 19h, em sua galeria (Corredor da Vitória), os três vencedores do 1^o Prêmio Acbeu de Incentivo à História, que teve como tema o Corredor da Vitória.



• Elismar Coutinho em dose dupla. O cientista, especializado em ecologia e reprodução humana, lança segunda-feira, a partir das 17h, na Civilização Brasileira (Shopping Barra), os livros O descontrolo da natalidade (R\$30) e O sexo do crime (R\$20), reunião de crônicas, artigos e ensaios. Ambos pela editora baiana Memorial das Letras.

'O filho do meio': lançamento amanhã, no Shopping Cultural Grandes Autores

Elismar Coutinho lança dois novos livros, segunda-feira, na Civilização Brasileira do Shopping Barra



Desenvolvido

MARCADOR

• A jornalista e publicitária baiana Lilia Gramacho estreia na literatura infantil com o livro O filho do meio (Formato, R\$), que conta de forma leve e bem-humorada os dramas de um garoto que tem um irmão mais novo e outro mais velho no seu encalço. As ilustrações inspiradas são do artista gráfico Avelino Guedes. A sessão de autógrafos acontece amanhã, às 17h, na Grandes Autores Shopping Cultural (Ondina).

• No próximo ano, a Câmara

Municipal de Salvador - primeira casa legislativa do país - completa 450 anos. Para comemorá-los, promoverá o concurso de monografias O papel das câmaras municipais nas metrópoles brasileiras do século XXI, cujas inscrições estão abertas até janeiro. Informações: 320-0444 ou cms@cms.ba.gov.br. O prêmio será de R\$15 mil.

• A Associação Cultural Brasil-Estados Unidos divulga hoje, às 19h, em sua galeria (Corredor da Vitória), os três

vencedores do 1^o Prêmio Acbeu de Incentivo à História, que teve como tema o Corredor da Vitória.

• Elismar Coutinho em dose dupla. O cientista, especializado em ecologia e reprodução humana, lança segunda-feira, a partir das 17h, na Civilização Brasileira (Shopping Barra), os livros O descontrolo da natalidade (R\$30) e O sexo do crime (R\$20), reunião de crônicas, artigos e ensaios. Ambos pela editora baiana Memorial das Letras.